

I

O RAPAZ QUE SOBREVIVEU

O senhor e a senhora Dursley que vivem no número quatro de Privet Drive sempre afirmaram, para quem os quisesse ouvir, ser o mais normal que é possível ser-se, graças a Deus. Eram as últimas pessoas que alguém esperaria ver envolvidas em algo estranho ou misterioso porque, pura e simplesmente, não acreditavam nesses disparates.

O senhor Dursley era director de uma empresa chamada Grunnings que fabricava brocas. Era um homem atarracado, quase sem pescoço, apesar do seu farto bigode. A senhora Dursley era magra e loira e tinha um pescoço com o dobro do tamanho normal que lhe era extremamente útil para espreitar os vizinhos através das sebes, o que sucedia com grande frequência. Os Dursleys tinham um filho pequeno chamado Dudley que, na opinião de ambos, era melhor do que qualquer outro rapazinho à face da terra.

Os Dursleys tinham tudo o que queriam mas, infelizmente, tinham também um segredo e o seu maior pavor era a ideia de que este pudesse alguma vez ser descoberto. Seria insuportável se alguém suspeitasse da existência dos Potters.

A senhora Potter era irmã da senhora Dursley mas não se viam havia muitos anos. A verdade é que a senhora Dursley fazia-se passar por filha única porque a irmã e o imprestável do cunhado eram o mais diferente deles que imaginar se pode. Os Dursleys ficavam arrepiados só de pensar no que diriam os vizinhos se os Potters alguma vez aparecessem lá na rua. Sabiam que os Potters tinham também um filho pequeno que eles nunca tinham visto e esse rapazinho era mais um motivo para os querer manter afastados. A última coisa que lhes interessava era verem o Dudley perto de uma criança daquelas.

Quando o senhor e a senhora Dursley acordaram, na manhã cinzenta e pesada de terça-feira em que começa a nossa história, nada fazia prever naquele céu enevoado as coisas insólitas e misteriosas que começariam em breve a suceder por todo o país. O senhor Dursley retirou do armário a sua gravata mais vulgar para levar para o trabalho, enquanto a senhora Dursley tagarelava e se debatia para conseguir colocar na cadeirinha das refeições o pequeno Dudley que não parava de gritar.

Nenhum deles reparou na janela, através da qual teria podido ver uma enorme coruja amarelada, esvoaçando em grande alvoroço.

Às oito e meia da manhã, o senhor Dursley pegou na pasta, deu um beijo de despedida à senhora Dursley e tentou fazer o mesmo a Dudley, mas não conseguiu porque ele estava a meio de uma birra, atirando com papa a todas

as paredes. «Coisinha imprestável», queixou-se o senhor Dursley depois de sair de casa, entrar no carro e afastar-se do número quatro.

Só quando chegou à esquina teve o primeiro sinal de que algo de estranho se passava - uma gata estudava um mapa. No primeiro segundo, o senhor Dursley não teve consciência do que vira mas, depois, voltou a cabeça para olhar melhor. E lá estava a gata malhada, na esquina da Privet Drive, mas não havia mapa nenhum à vista. Onde diabo tinha ele a cabeça? É claro que tinha sido uma ilusão de óptica. O senhor Dursley piscou os olhos e fixou bem a gata. Ela olhou para ele. Quando o senhor Dursley virou a esquina para subir a rua, espreitou pelo retrovisor.

A gata lia agora a tabuleta onde estava escrito «Privet Drive» não, não lia, olhava, os gatos não podem ler mapas nem tabuletas. O senhor Dursley sacudiu a cabeça para afastar aquele episódio e, enquanto atravessava a cidade, não pensou senão na grande encomenda de brocas que esperava receber nesse mesmo dia.

Mas, à saída da cidade o seu espírito foi afastado das brocas por outra coisa. Enquanto esperava no habitual engarrafamento de trânsito, não pôde deixar de reparar que havia uma série de gente vestida de uma forma muito pouco usual. Gente coberta com longas capas. O senhor Dursley não suportava as pessoas que se arranjavam de modo excêntrico as figuras de alguns jovens! e partiu do princípio de que se tratava de uma nova moda estúpida. Tamborilou com os dedos no volante do automóvel e os olhos prenderam-se-lhe num desses grupos tumultuosos de exibicionistas. Murmuravam entre si, transbordantes de entusiasmo e o senhor Dursley ficou ainda mais irritado ao constatar que alguns deles não eram de todo jovens. Que lata, aquele indivíduo devia ser mais velho do que ele e usava uma longa capa verde esmeralda! Mas, nessa altura, pensou que muito provavelmente se trataria de uma manobra de propaganda ou de um peditório - sim, devia ser isso. O trânsito avançou e, alguns minutos mais tarde, o senhor Dursley chegava ao estacionamento de Grunnings, levando apenas como preocupação as suas brocas.

Era costume do senhor Dursley sentar-se, no escritório, de costas para a janela. Se assim não fosse, ter-lhe-ia sido bem mais difícil concentrar-se no trabalho durante a manhã. Assim, não viu as corujas descendo rapidamente em plena luz do dia, apesar de todos os transeuntes apontarem estarecidos e de boca aberta enquanto coruja após coruja lhes passavam a grande velocidade sobre as cabeças. A maior parte nunca tinha visto uma ave daquelas, nem mesmo à noite, mas o senhor Dursley teve uma manhã absolutamente normal e livre de corujas. Gritou com cinco pessoas e fez várias chamadas telefônicas de grande importância nas quais gritou ainda mais. Antes da hora do almoço já estava bastante bem-disposto, quando decidiu dar

um pequeno passeio para esticar as pernas e ir comprar um pão de leite à padaria da frente.

Tinha esquecido por completo as pessoas com capas até deparar com um grupo que se encontrava junto da padaria. Lançou-lhes um olhar enfurecido. Não sabia explicar porquê mas faziam-no sentir-se desconfortável. Este grupo estava também a murmurar, denotando uma grande excitação. Só quando passou por eles, levando um enorme *donut* num saco, conseguiu apanhar no ar algumas palavras do que eles estavam a dizer.

- Os Potters, sim, foi o que ouvi dizer.

- Sim, o filho, Harry.

O senhor Dursley ficou transido. O medo apoderou-se dele. Olhou para trás para os indivíduos que estavam a falar, como se quisesse dizer-lhes alguma coisa mas, pensando melhor, desistiu.

Desceu a rua a correr direito ao escritório, disse à secretária que não o interrompesse, pegou no telefone e estava quase a acabar de discar o número quando mudou de ideias. Pôs o auscultador no descanso e cofiou o bigode. Pensando bem, estava a ser estúpido. Potter não era um nome assim tão raro. Devia haver imensos Potters com filhos chamados Harry. Aliás, ele nem tinha a certeza se seria esse o nome do sobrinho, nunca sequer o tinha visto. Podia ser Harold ou Harvey, não havia motivo para deixar a senhora Dursley preocupada. Ela ficava sempre tão fora de si quando se tocava no nome da irmã. E não podia censurá-la, se ele tivesse tido uma irmã assim... mas, ao mesmo tempo, toda aquela gente de capas longas...

Foi bastante mais difícil naquela tarde concentrar-se nas brocas e, quando deixou o edifício, às cinco horas, estava tão preocupado que chocou contra uma pessoa logo à saída da porta.

- Desculpe - resmungou, enquanto o homenzinho se desequilibrava, quase caindo. Só alguns segundos mais tarde o senhor Dursley se apercebeu de que o homem vestia uma capa roxa. Não parecia nem um pouco preocupado por ter tropeçado e por quase ter ido parar ao chão. Pelo contrário, o seu rosto abriu-se num enorme sorriso e disse numa voz tão aguda que levou alguns transeuntes a pararem para olhar:

- Não se preocupe, meu caro senhor, no dia de hoje nada poderia aborrecer-me! Alegremo-nos porque o «Quem nós sabemos» desapareceu finalmente do mapa! Até os Muggles como você, deviam festejar este dia tão feliz!

O velhote envolveu o senhor Dursley num grande abraço e em seguida afastou-se.

O senhor Dursley ficou pregado ao chão. Tinha sido abraçado por um indivíduo que lhe era totalmente estranho e que lhe tinha chamado «Muggle», fosse lá isso o que fosse. Estava confuso. Apressou-se a chegar ao carro e dirigiu-se para casa na esperança de que tudo aquilo não passasse de imaginação sua,

coisa que até então nunca tinha desejado, uma vez que não era muito adepto da imaginação.

A primeira coisa que avistou ao aproximar-se do número quatro e que não melhorou em nada o seu estado de espírito foi a gata malhada que vira de manhã. Estava sentada no muro do seu jardim. Tinha a certeza de que era a mesma por causa das marcas em volta dos olhos.

- Choo! - disse bem alto o senhor Dursley.

A gata não se moveu. Limitou-se a lançar-lhe um olhar ríspido. Seria o comportamento normal de uma gata, questionou-se o senhor Dursley. Depois, fazendo um esforço para aparentar um ar absolutamente normal, entrou em casa, ainda decidido a não falar em nada à mulher.

A senhora Dursley tinha tido um dia igual a todos. Contou-lhe, durante o jantar, os problemas que os vizinhos do lado estavam a ter com a filha e que o Dudley aprendera a dizer «mão deves». O senhor Dursley tentou agir com a maior naturalidade. Quando o Dudley foi metido na cama, encaminhou-se para a sala chegando e ir tempo de ouvir a última notícia do telejornal: - E, por fim, os observadores de pássaros comunicaram-nos que as corujas do país tiveram um comportamento

estranho durante o dia de hoje. Apesar de ser hábito caçarem durante a noite, não sendo praticamente vistas à luz do dia, houve milhares de observações destas aves a voarem em todas as direcções desde o nascer do Sol. Os peritos não conseguem explicar esta súbita alteração do seu padrão de sono. - O apresentador permitiu-se um sorriso. - Muito misterioso. E agora passemos a Jim McGuffin e às previsões do tempo. Continuará a chuva de corujas durante a noite, Jim ?

- Bem, Ted - disse o meteorologista, - quanto a isso não posso responder mas as corujas não foram o único fenómeno do dia de hoje. Observadores de Kent, Yorkshire e Dundee têm telefonado insistentemente a informar-nos que em vez da chuva que eu previra ontem, têm tido uma tempestade de estrelas cadentes! É como se as pessoas tivessem decidido festejar a «Bonfire Night» - que é só na próxima semana - mas posso prometer-vos chuva para esta noite.

O senhor Dursley sentou-se gelado na poltrona. Estrelas cadentes em toda a Grã-Bretanha? Corujas a voarem durante o dia? Gente estranha usando longas capas em todas as ruas? E aquele sussurro sobre os Potters...

A senhora Dursley entrou na sala, trazendo duas chávenas de chá. Não podia ser, tinha de falar com ela. Limpou nervosamente a garganta.

-. Petúnia, minha querida... não tens sabido nada da tua irmã nos últimos tempos, pois não?

Como era de esperar, a senhora Dursley ficou chocada e indisposta. Não tinham decidido esquecer que ela tinha uma irmã?

- Não - respondeu secamente - Porquê?

- Informações estranhas no telejornal -, resmungou o senhor Dursley. - Corujas... estrelas... e uma série de gente com um aspecto fora do normal que enchia as ruas durante o dia de hoje...

- E daí? - perguntou a senhora Dursley..

- Bem... eu pensei que... talvez... tivesse alguma coisa a ver com... sabes ... a gente dela.

A senhora Dursley bebeu o chá aos golinhos enquanto o marido se perguntava se deveria dizer-lhe que ouvira uma referência aos Potter. Decidiu não arriscar. Em vez disso, disse com tanta naturalidade quanto lhe foi possível:

- O filho deles deve ter mais ou menos a idade do Duddley, não deve?

- Acho que sim - respondeu constrangida a senhora Dursley.

- Como é que se chama o garoto, Howard, não é?

- Harry, o nome mais vulgar que podiam ter encontrado.

- Ah! - disse o senhor Dursley com o coração apertado, - claro, concordo inteiramente contigo, que nome vulgar.

Não voltou a falar-se no assunto e subiram para se deitarem. Enquanto a senhora Dursley estava na casa de banho, o senhor Dursley aproximou-se da janela do quarto e espreitou para o jardim. A gata ainda lá estava. Olhava para a parte de baixo da rua como se esperasse por alguma coisa.

Estaria ele a imaginar coisas? Haveria alguma relação entre tudo aquilo e os Potters? Se tivesse.. se viesse a saber-se que eles eram da família de um casal de... ele não suportaria isso.

Deitaram-se. A senhora Dursley adormeceu mas o marido ficou acordado com a cabeça às voltas. O último pensamento reconfortante que teve, antes de adormecer, foi que, mesmo que os Potters estivessem no meio daquilo tudo, não havia motivo algum para se aproximarem. Sabiam perfeitamente o que ele e Petúnia pensavam sobre eles e os da sua espécie... não havia motivo para se verem envolvidos no que quer que fosse que estivesse a acontecer. Bocejou e virou-se na cama. Aquilo não iria afectá-los.

Como se enganava! O senhor Dursley podia ter caído num sono intranquilo, mas a gata que continuava em cima do muro não aparentava o menor sinal de sono. Estava imóvel como uma estátua, os olhos bem abertos, fixos na esquina da Privet Drive. Não estremeceu sequer quando a porta de um carro se fechou ruidosamente na rua de trás, nem quando duas corujas fizeram um voo rasante sobre a sua cabeça. Era quase meia-noite quando a gata se moveu.

Um homem surgira na esquina onde os olhos da gata tinham estado fixos. Apareceu tão súbita e silenciosamente que parecia ter saído do chão. A cauda da gata contorceu-se e os olhos contraíram-se..

Nunca fora visto em Privet Drive ninguém que se parecesse com aquele homem. Era alto, magro e muito velho, a julgar pela barba e pelo cabelo cor de prata, ambos tão longos que lhe chegavam à cintura.

Usava uma túnica até aos pés, um manto cor de púrpura que varria o solo e botas afiveladas de tacão. Tinha uns olhos azuis muito claros que brilhavam intensamente por detrás de uns óculos de meia-lua. O nariz era longo e achatado como se tivessem partido pelo menos duas vezes. O nome do homem era Albus Dumbledore.

Albus Dumbledore parecia não se dar conta de que acabava de chegar a uma rua onde tudo, desde o seu nome às suas botas, era indesejável. Estava distraído a vasculhar na capa como quem procura alguma coisa quando lhe pareceu estar a ser observado. Olhou subitamente para a gata que continuava a olhá-lo fixamente do outro lado da rua. A visão da gata pareceu diverti-lo. Riu-se entre dentes e murmurou «Eu devia ter adivinhado».

Encontrou o que procurava nos bolsos. Parecia um isqueiro prateado. Abriu a tampa, segurou-o no ar e carregou com o dedo, provocando um pequeno estalido. O candeeiro mais próximo apagou-se com um ruído seco. Ele voltou a premir o objecto e o outro candeeiro apagou-se também. Repetiu doze vezes aquela operação até que as únicas luzes acesas em toda a rua, dois minúsculos pontinhos lá longe, eram os olhos da gata a observá-lo. Se alguém espreitasse pela janela naquele momento, mesmo que fossem os olhinhos pequeninos e vivos da senhora Dursley, não conseguiria ver absolutamente nada do que estava a acontecer no passeio. Dumbledore guardou o apagador no bolso da capa, aproximou-se do número quatro; onde se sentou no muro, ao lado da gata. Não a olhou directamente mas, passados alguns momentos, dirigiu-se-lhe:

- Curioso vê-la aqui, professora McGonagall-, voltou-se para sorrir à gata mas esta tinha desaparecido., Estava agora a sorrir para uma mulher de aspecto austero, óculos quadrados com a forma exacta das marcas que a gata tinha em volta dos olhos. Também ela vestia uma capa verde esmeralda, tinha o cabelo negro apanhado num rolo e parecia claramente irritada.

- Como soube que era eu? - perguntou.

- Minha cara professora, nunca vi uma gata sentada de uma forma tão rígida!

- Também você ficaria rígido se estivesse um dia inteiro sentado num muro - disse a professora McGonagall.

- Todo o dia? Quando podia ter estado a festejar? Eu devo ter encontrado pelo caminho uma dúzia de festas e celebrações..

A professora McGonagall torceu o nariz irritada.

- Ah! sim, estão todos a festejar -, disse com impaciência. - Seria de esperar que fossem um pouquinho mais cautelosos, mas não, até os Muggles já se

aperceberam. de algo invulgar, deram a notícia no telejornal deles. - fez um sinal com a cabeça na direcção da janela escura da sala dos Dursleys. - Ouvi. bandos de corujas... estrelas cadentes... Bem, eles não são totalmente estúpidos. Foram obrigados a perceber que se passa alguma coisa. Estrelas cadentes em Kent, aposto que anda por aí o dedo do Dedalus Diggle, ele não tem muito juízo naquela cabeça.

- Não pode censurá-los -, disse Dumbledore suavemente, - tivemos muito pouco para festejar durante os últimos onze anos.

- Eu sei muito bem disso - respondeu irritada a professora McGonagall. - Mas não é motivo para perderem a cabeça. Têm andado para aí em plena luz do dia a espalhar boatos, sem sequer terem o cuidado de se vestir como os Muggles. Lançou um olhar de lado e ríspido a Dumbledore como se esperasse que ele dissesse alguma coisa, mas este manteve-se calado. Ela prosseguiu: - Era lindo se no dia em que «Quem nós sabemos» parece por fim ter desaparecido, os Muggles descobrissem tudo a nosso respeito. Sim, porque eu julgo que ele desapareceu mesmo, não foi Dumbledore?

- Parece que sim - respondeu ele.- Temos de estar muito gratos. Não quer tomar uma limonada comigo?

- Uma *quê*?

- Uma limonada. É uma bebida dos Muggles de que eu gosto muito.

- Não, muito obrigada - disse a professora MacGonagall, friamente, como se considerasse não ser aquele o melhor momento para tomar limonadas. - Como eu estava a dizer, mesmo tendo o «Quem nós sabemos» desaparecido...

- Minha querida professora, com certeza que uma pessoa sensata como a senhora pode referir-se a ele usando o seu verdadeiro nome. Toda essa história disparatada do «Quem nós sabemos»; há onze anos que tento convencer as pessoas a proferirem o seu nome: *Voldemort*.- A professora McGonagall vacilou mas Dumbledore, que estava a abrir duas limonadas, pareceu não dar por isso. - Torna-se tão confuso continuar a dizer o «Quem nós sabemos».Eu honestamente nunca vi qualquer motivo para ter medo de proferir o nome de Voldemort.

- Eu sei que não viu - disse a professora McGonagall num tom que expressava surpresa e admiração. - Mas você é diferente. Todos sabem que era o único de quem «Quem nós sabemos», oh! está bem, o *Voldemort* tinha medo.

- Sinto-me elogiado - disse Dumbledore calmamente, -Voldemort tinha poderes que eu nunca possuírei.

- Apenas porque você é demasiado... como direi, nobre, para os utilizar.

- Felizmente está escuro. Eu não corava tanto desde que Madame Pomfrey me disse que adorava o meu novo barrete.

A professora McGonagall lançou um olhar penetrante a Dumbledore e disse: - As corujas não são nada comparadas com os boatos que correm. Sabe o que dizem por aí sobre o motivo do seu desaparecimento? Sobre o motivo que acabou com ele?

Parecia que a professora McGonagall tinha chegado ao ponto que lhe interessava mesmo discutir, à verdadeira razão que a levava a esperar num muro duro e frio um dia inteiro, pois nunca antes, nem como gata nem como mulher, tinha olhado para Dumbledore com um olhar tão penetrante como naquele momento. Era óbvio que, fosse o que fosse que se dissesse, ela só acreditaria depois de o ouvir da boca de Dumbledore. Mas este estava a escolher outra limonada e não lhe respondeu.

- Dizem -, prosseguiu ela - que na última noite em que Voldemort apareceu em Godric's Hollow foi procurar os Potters. O que corre é que Lily e James Potter *morreram*.

Dumbledore baixou a cabeça. A professora McGonagall suspirou..

- Lily e James. ..custa a crer... eu não queria acreditar... oh! Albus...

Dumbledore aproximou-se e deu-lhe uma palmadinha no ombro. - Eu sei, eu sei - disse, com pesar.

A voz da professora McGonagall tremia, à medida que continuava a falar. - E não é tudo. Dizem que ele tentou matar o filho deles, o pequeno Harry, mas que não foi capaz. Não conseguiu matar o rapazinho. Ninguém sabe porquê nem porque não, mas dizem que ao não lhe ser possível matar Harry Potter, o seu poder se esvaiu e que foi por isso que Voldemort desapareceu.

Dumbledore acenou com ar sorumbático. - Mas, é... *verdade?* - hesitou a professora McGonagall. - Depois de tudo o que ele fez... toda a gente que matou... não foi capaz de matar um rapazinho? É tão confuso, como terá o Harry conseguido sobreviver?

- O máximo que podemos fazer são suposições - disse Dumbledore. - Talvez nunca cheguemos a saber.

A professora McGonagall puxou de um lenço de renda e limpou os olhos por detrás dos óculos. Dumbledore fungou enquanto retirava um relógio de ouro do bolso e o observava. Era um relógio bastante insólito. Tinha doze ponteiros mas não tinha números. Em vez deles, pequenos planetas movimentavam-se em círculos. Mas deve ter feito sentido para Dumbledore porque voltou a metê-lo no bolso dizendo:

Hagrid está atrasado. A propósito, deve ter sido ele quem lhe disse que eu viria aqui, não?

- Sim - disse a professora McGonagall. - não quererá explicar-me porque é que veio?

- Vim trazer o pequeno Harry à tia e ao tio. São a sua única família.

- Não está a querer dizer-me que – não pode estar a referir-se às pessoas que vivem *aqui?* – gritou a professora McGonagall, pondo-se em pé e apontando para o número quatro. - Dumbledore, você não pode fazer uma coisa dessas. Tenho estado a observá-los durante todo o dia e não é possível encontrar duas pessoas mais diferentes de nós. E têm um filho - vi-o a massacrar a mãe durante todo o caminho para lhe comprar doces. Harry Pootter, aqui?!

- É o melhor lugar para ele -, disse Dumbledore com firmeza. - A tia e o tio poderão explicar-lhe tudo um dia mais tarde quando for mais crescido. Eu escrevi-lhes uma carta.

- Uma carta? - repetiu a professora McGonagall. quase sem voz, voltando a sentar-se no muro.- Francamente, Dumbledore, acha que é possível explicar tudo isto numa carta? - Esta gente nunca na vida vai entendê-lo.

- Ele vai ser famoso, um gênio, não me admiraria nada se o dia de hoje viesse no futuro a ser conhecido como o dia de Harry Potter. - vão escrever-se seu respeito, todas as crianças do nosso mundo conhecerão o seu nome!

- Precisamente - afirmou Dumbledore com seriedade, olhando-a por cima dos óculos de meia-lua - Tudo isso daria a volta à cabeça de um rapazinho famoso antes mesmo de saber andar e falar! Famoso por uma coisa de que nem ele consegue lembrar-se. Não vê que é muito melhor para ele crescer afastado de tudo isso até estar preparado para entender as coisas?

A professora McGonagall abriu a boca, mudou de ideias, engoliu em seco e em seguida disse:

- Sim, claro, toda a razão. Mas como é que o rapaz cá chega, Dumbledore? - Olhou para o manto dele como se pensasse que ele podia estar a esconder o garoto.

- Hagrid vai trazê-lo.

- Acha que é *sensato* confiar a Hagrid algo tão importante como isto?

- Eu confiaria a Hagrid a minha própria vida - afirmou Dumbledore.

- Não estou a dizer que ele não tenha bom coração - afirmou a professora McGonagall com alguma mesquinhez - mas não podemos ignorar que é pouco cauteloso. Tem tendência para... o que foi aquilo?

Um som que parecia o ribombar de um trovão quebrou o silêncio. Tornou-se ainda mais intenso enquanto olhavam para a parte de cima e de baixo da rua procurando avistar um par de faróis e era já um verdadeiro estrondo quando olharam para o céu - e uma imensa motorizada aterrou na rua, mesmo ao lado deles.

Se a moto era grande, o que dizer do homem que vinha lá sentado? Devia ter o dobro da altura de um indivíduo normal e era, pelo menos, cinco vezes mais largo. Parecia maior do que era humanamente possível e verdadeiramente animalesco - os cabelos e a barba negra, ambos emaranhados, ocultavam-lhe a maior parte do rosto, as mãos pareciam tampas de caixotes do lixo e os pés, dentro de umas enormes botas de couro, lembravam dois golfinhos bebês. Nos braços fortes e musculados transportava uma pilha de cobertores.

- Hagrid -, disse Dumbledore parecendo aliviado - até que enfim. Onde diabo arranjaste essa moto?

- Pedi-a emprestada, professor Dumbledore, - respondeu o gigante, saindo com todo o cuidado da moto enquanto falava. - Foi o Sirius Black filho que me emprestou. Tenho aqui a criança, senhor professor.

- Não houve problemas?

- Não senhor - a casa estava praticamente destruída mas eu consegui tirá-lo antes qu' os Muggles comesçassem a invadi-la. Ele adormeceu quando sobrevoávamos Bristol.

Dumbledore e a professora McGonagall inclinaram-se para a pilha de cobertores. Lá bem no meio, muito pequenino, estava um bebé do sexo masculino a dormir. Sob um tufo de cabelo preto que lhe caía para a testa podia ver-se uma curiosa cicatriz em forma de relâmpago.

- Foi aí que...? - perguntou num sussurro: a professora McGonagall.

- Sim - disse Dumbledore. - Ele vai ficar com esta cicatriz para sempre.

- Não pode fazer nada para a tirar, Dumbledore?

- Mesmo que pudesse não o faria. As cicatrizes podem vir a ser muito úteis no futuro. Eu próprio tenho uma acima do joelho esquerdo que é um mapa perfeitíssimo dos subterrâneos de Londres. Bem, dá-o cá, Hagrid, é melhor resolvermos já isto.

Dumbledore tomou Harry nos braços e voltou-se de frente para a casa dos Dursleys.

- Posso, posso despedir-me dele? - perguntou Hagrid. Inclinou a grande cabeça hirsuta sobre Harry e deu-lhe um beijo que deve ter sido áspero devido ao roçar dos bigodes. Em seguida, Hagrid soltou um uivo que parecia vindo de um cão ferido.

- Shhhhhh -, fez a professora McGonagall. - vais acordar os Muggles!

- Deeeesculpem -, soluçou Hagrid, pegando num enorme lenço de assoar onde enterrou toda a cara - mas não consigo evitar... Lily e James mortos e o pobrezinho do Harry a ter d'ir viver com Muggles...

- Eu sei, eu sei que é triste mas vê se te controlas, Hagrid, ou vão acabar por descobrir-nos -, disse baixinho a professora McGonagall, dando uma palmadinha no ombro de Hagrid, enquanto Dumbledore entrava no jardim, em direcção à porta principal. Colocou cautelosamente o pequeno Harry no degrau da porta, retirou uma carta de dentro da capa, enfiou-a no meio dos cobertores que envolviam o bebé e veio juntar-se aos outros. Durante um minuto ficaram os três a olhar para a trouxa. Os ombros de Hagrid estremeceram, a professora McGonagall piscou os olhos nervosamente e a luz brilhante que costumava irradiar do olhar de Dumbledore parecia ter desaparecido.

- Bem - disse por fim Dumbledore, - está feito. Não vale a pena ficarmos aqui. O melhor que temos a fazer é juntarmo-nos aos que estão a festejar.

- Sim - disse Hagrid numa voz abafada. - Eu vou entregar a moto ao Sirius. Boa noite professora McGonagall, boa noite professor Dumbledore.

Limpando os olhos húmidos à manga do casaco, Hagrid subiu para a moto e ligou o motor. Com um ruído, esta elevou-se no ar e desapareceu na escuridão da noite.

- Espero vê-la em breve, professora McGonagall - disse Dumbledore, fazendo um aceno com a cabeça. A professora McGonagall assoou o nariz como resposta.

Dumbledore voltou-se e desceu a rua. Quando chegou à esquina parou e pegou no «apagador prateado». Premiu o botão uma vez e doze bolas de luz regressaram aos candeeiros da rua, tornando a Privet Drive subitamente alaranjada e permitindo avistar uma gata malhada a desaparecer furtivamente

pela esquina oposta da rua. Só se podia ver agora a trouxa de cobertores no degrau do número quatro.

- Boa sorte, Harry - murmurou. Deu meia volta e, cortando o ar com um golpe do manto, desapareceu.

Uma brisa forte agitou as sebes rigorosamente aparadas de Privet Drive que continuou silenciosa e metódica sob a escuridão cerrada do céu. Aquele era o último lugar onde poderia esperar-se que algo fantástico pudesse suceder. Harry Potter rolou no meio dos cobertores sem acordar, uma mãozinha fechada sobre a carta que fora colocada ao seu lado, sem saber que era especial, sem saber que era famoso, sem saber que iria ser acordado dentro de algumas horas pelo grito da senhora Dursley quando esta abrisse a porta para colocar no chão as garrafas vazias do leite, sem saber que durante as próximas semanas ir ser espicaçado e beliscado pelo seu primo Dudley e ignorando por completo que, naquele preciso momento, em festas secretas espalhadas por todo o país, milhares de pessoas brindavam com os copos no ar, gritando:

- Ao Harry Potter, o rapaz que sobreviveu!